

NARRATIVAS DE HISTÓRIA DE VIDA DE MORADORES DA ALDEIA JENIPAPO KANINDÉ - AQUIRAZ/CE: MEMÓRIAS DA CONSTRUÇÃO DO LUGAR

Risalva Ferreira Nunes de Medeiros

*Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Lazer de
Mossoró/RN(SMEEL), risalvaferreira@hotmail.com*

Francinilda Honorato dos Santos

Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN), nildinhameneses@gmail.com.br

Ana Lúcia Oliveira Aguiar

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), oliveiraaguiarpetro@gmail.com

Resumo

Este artigo ergue-se da aula de campo efetivada a partir da disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica, do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), realizada na Aldeia Jenipapo-Kanindé, uma comunidade indígena, localizada na zona rural do município de Aquiraz/CE. Tem como objetivo compreender por meio das narrativas (auto)biográficas como homens e mulheres da Aldeia Jenipapo-Kanindé relatam através da memória e da história do lugar sua luta pela preservação do seu território para a construção da cidadania em comunidade. A pesquisa se detém ao enfoque qualitativo (auto)biográfico, através de uma visita em lócus, com rodas de conversas, percurso em trilhas, visita ao museu, entrevistas com os sujeitos da aldeia narrando as experiências vivenciadas no chão do lugar, que possibilitaram a união e o empoderamento para a preservação ambiental. Os resultados apontam que é possível verificar por meio das narrativas (auto)biográficas que as experiências vivenciadas pelos homens e mulheres indígenas com saberes que transcendem a qualquer tecnicização atual e que aprenderam a viver em harmonia com a natureza, retirando em diálogo com ela, o que necessitam para viver, possibilitando a união e o empoderamento. As vozes dos sujeitos da aldeia revelam histórias de vidas marcadas pela exclusão, situação de arredios e resistentes à colonização, eles sofreram violências, foram escravizados e perderam progressivamente suas terras, o que nos faz refletir acerca da superação da lógica preconceituosa que os vitima.

Palavras-chave: Aldeia, Narrativas, História de vida, Empoderamento.

Introdução

Este artigo ergue-se da aula de campo da disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), realizada na Aldeia Jenipapo-Kanindé, uma comunidade indígena, localizada na zona rural do município de Aquiraz/CE. A aula de campo aconteceu no dia 25 de novembro de 2017. Foi realizada pela Professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar do POSEDUC e diretora da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN) e seus mestrandos.

Tem como objetivo compreender por meio das narrativas (auto)biográficas como homens e mulheres da Aldeia Jenipapo-Kanindé relatam através da memória e da história do lugar sua luta pela preservação do seu território para a construção da cidadania em comunidade. O grupo de alunos saiu de Mossoró, cidade do estado do Rio Grande do Norte, situado no oeste Potiguar rumo ao estado do Ceará para cidade de Aquiraz onde iria de encontro ao Aldeamento Jenipapo-Kanindé. Pegando a BR 304 e posteriormente a CE 40, durante a madrugada e o único som que ouvia era o canto dos pássaros e o espetáculo da natureza banhando com um belíssimo nascer do sol. Estava em grupo de 10 alunos do mestrado de Educação – POSEDUC sendo composto da turma regular e especial. Todos sendo coordenados pela professora Ana Lúcia Aguiar.

O grupo de alunos chegou no Aldeamento por volta das 9h e 30 minutos da manhã e foi recebido pelo pajé “Préa”, ou Heraldo Alves, que atua diretamente no turismo comunitário, como coordenador da Pousada e do Museu que recebe estudantes e interessados em conhecer a comunidade de perto, possibilitando a troca de saberes, e orientado pelo o professor Fábio, que fez uma narrativa com uma riqueza e respeito pela história do lugar. O Pajé “Preá” contou que a aldeia começou em 2007 e que já em 2008 foi realizado o primeiro seminário de rede de turismo comunitário que tem o papel de passar aos visitantes a realidade de um aldeamento indígena.

Segundo as narrativas dos sujeitos do lugar, o nome original da aldeia era Cabeludos da Encantada, devido homens e mulheres não cortarem seus cabelos. Em 2007 mudaram o nome, aprovado através de uma assembleia, passando a ser Aldeia Jenipapo-Kanindé, nome originado da fruta jenipapo, muito presente no local, e devido os guardiões da memória fazerem romaria à cidade de Canindé/CE.

A aldeia possui uma escola com o nome de Escola Diferenciada do Ensino Fundamental e Médio Jenipapo-Kanindé, antes conhecida Escola Cacique Pequena. Um lugar de educação, que nos remete lutas e vitórias de um povo que não deixa suas raízes e cultura se perderem com o tempo. A escola foi fundada em 2009 e funciona em três turnos, desde a educação infantil ao ensino médio. Em sua maioria, os alunos são indígenas, não negando acesso aos alunos oriundos outros lugares. Todo o corpo docente é indígena, como também secretários, supervisores, guardas e funcionários gerais.

Na escola da aldeia, tivemos conhecimento que não tem nenhum aluno com deficiência matriculado. Ela é assistida pela secretaria de Educação do Estado do Ceará, sendo de sua responsabilidade a educação infantil até a conclusão do ensino médio. Os alunos que terminaram o ensino médio, muitos ingressaram na Universidade Federal do Ceará - UFC, Universidade Federal da Bahia - UFBA e a Faculdade Maurício NASSAU/CE.

Na aldeia existem ainda o Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, Unidade Básica de Saúde e o Posto de Saúde, com agentes de saúde, segurança técnica de enfermagem, sendo todos da própria comunidade. A aldeia é também assistida por um médico, enfermeira e um dentista que não são indígenas. Porém eles só assumem essas vagas, porque na aldeia ainda não existi nenhuma pessoa qualificada para esses cargos. A religião evangélica é a predominante na aldeia, com cinco igrejas e uma igreja católica em construção onde acontecem os momentos religiosos sagrados entre o povo da comunidade.

Sua economia está baseada na agricultura, pesca, coleta e o turismo comunitário. Plantam mandioca o ano todo e no período das chuvas cultivam milho, feijão, batata-doce, jerimum, maxixe e hortaliças. A coleta de caju, murici, manga, coco e outras frutas é sazonal. Os homens fazem trançados de cipó e palha de carnaúba, na forma de cestos, chapéus e caçuás (cestos longos para cargas), além de tarrafas e redes de pesca. As mulheres são exímias rendeiras e fazem louça de barro.

Os turistas têm à disposição uma pequena pousada com quatro suítes, com pacotes que podem incluir as três refeições feitas pelos nativos. O cardápio inclui delícias como galinha caipira, baião de dois e pirão. Outros atrativos são o Museu Indígena Jenipapo-Kanindé e as trilhas Lagoa Encantada, Marisco, Morro do Urubu, Sucurujuba e Tapuio com trajetos que duram de 35 minutos a duas horas.

Esse artigo encontra-se organizado em três partes: na primeira, abordaremos a Metodologia. Na segunda parte apresentamos os Resultados e discussões e na terceira enfocamos a Conclusões.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de acordo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa em educação assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos. Nesses diferentes contextos, situo a subjetividade dos sujeitos e, mais que isso, sua história de vida, ou seja, sua historicidade. Como método de investigação, utilizamos a história oral a partir das narrativas (auto)biográficas dos sujeitos da Aldeia Jenipapo-Kanindé. As narrativas (auto) biográficas segundo Josso (2010) podem ser compreendidas como um processo de transformação do sujeito, no pensar em si, falar de si, falar do lugar e escrever sobre si. Desta forma podemos evidenciar que acontece no contexto intelectual dinamizado pelo próprio conhecimento do eu e da valorização das experiências individuais e coletivas.

Trabalhar as narrativas se faz necessário o uso da memória, as lembranças em cada contexto da vida nos remetem a memória. Para esse estudo o conceito de memória, referenciado a partir dos estudos de Pollak (1992) e Halbwachs (1999), nos ajudará a trazer lembranças que só a memória poderá nos auxiliar para tornar fértil as narrativas da história de vida e formação dos sujeitos do lugar. Para os autores, a memória é entendida como uma construção social, coletiva e ilustrativa de tempos, de espaços e de práticas culturais nos lugares dos acontecimentos. A memória individual, para Halbwachs (1999), não está inteiramente isolada e fechada, pois, para evocar o passado, estamos frequentemente apelando para as lembranças alheias, onde recorremos as memórias da família através dos nossos avós, tios e pais.

A memória denota o que fez parte de uma cultura, em lugares e períodos históricos. Segundo Halbwachs (1999), a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes em uma sociedade. Pollak (1992) classifica esses fenômenos de memórias coletivas como projeções ou transferências, que comumente ocorrem de uma geração para outra. Além dos acontecimentos, o autor caracteriza também os personagens e lugares da memória. De acordo o autor, os personagens assim como os acontecimentos são caracterizados com sua relação com o fato, dessa forma, podem ser personagens diretos ou personagens por *tabela*. Os lugares de memória na analogia de Pollak, podem ser de lembranças pessoais, ou um lugar comum ao coletivo e a uma determinada geração.

Realizamos uma visita à Aldeia Jenipapo-Kanindé, lócus da pesquisa. Através das narrativas, realizamos uma roda de conversa com os sujeitos da aldeia Jenipapo-Kanindé, com

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

o pajé João e Preá (Heraldo Alves). Organizamos um percurso pela Trilha da Sucurujuba. Uma trilha plana, cercada pelas matas, pelo Morro do Urubu e pelo Morro da Encantada, terminando na mítica Lagoa da Encantada, com um percurso de duas horas de duração. Ao retornamos, fomos convidados a ficar embaixo de algumas mangueiras, não tínhamos ideia da riqueza de relatos que estávamos prestes a ouvir sobre o povo Jenipapo, pois foi ali, debaixo daquelas mangueiras onde eles deram início ao movimento indígena Jenipapo–Kanindé, e onde nasceu também a primeira escola indígena diferenciada do seu povo. A visita ao museu Jenipapo-Kanindé ocorreu na parte da tarde. O museu é composto na sua maioria de fotos de jornais com a história do povo e suas lutas, de alguns rituais e documentos referente a demarcação da terra e da posse definitiva em 2011. Encontramos também no museu artesanato com cipó, redes de renda e louças de barro feito pelas mulheres da etnia, troféus dos jogos indígenas, animais empalhados da região. Depois da visita ao museu ficamos ansiosos esperando a chegada da Cacique Pequena. Quando ela adentrou no restaurante a sensação foi de estarmos na frente de uma pessoa muito imponente, sabia e respeitada por todos. Ela nos deu boas vindas e se apresentou como Cacique Pequena, Guardiã da memória e Mestre da Cultura. Concedeu uma entrevista exclusiva com autorização para filmagem e gravação, a Maria de Lourdes da Conceição Alves (Cacique Pequena) a guardiã do lugar narrou as trajetórias de vida, as conquistas e as experiências vivenciadas pelos sujeitos, que possibilitaram a união e o empoderamento, nos dando respaldo para firmar as discussões realizadas nas rodas de conversa e assim fazer a retroalimentação da pesquisa.

Resultados e Discussões

A história de um povo é representada pelos guardiões da memória, rememoram as lembranças da Aldeia Jenipapo-Kanindé guardadas no tempo, com as colaborações de suas memórias individuais e coletivas emprestadas. Vale salientar que narrativas como as que priorizem a memória coletiva, em muitos casos, estão sendo esquecidas. Assim, com base nas palavras de Halbwacks (1990):

(...) Em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoia-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela, nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente a sua substância (HALBWACKS, 1990, p.55)

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada (POLLAK. 1992).

A Aldeia Jenipapo-Kanindé conta com um contingente populacional de aproximadamente de 300 moradores e 130 e trinta famílias, onde tem cinco famílias que não são indígenas. A Aldeia Jenipapo-Kanindé é uma das etnias indígenas do estado do Ceará. A aldeia tem 1731 hectares de terras e está localizada no município de Aquiraz, próximo as praias de Presídio e Iguape. Descendentes dos Payaku, a tribo vive aos redores da Lagoa da Encantada, onde apresentam suas principais histórias, crenças, lendas, mitos e danças.

O nome Payaku designa uma etnia numerosa que, no século XVI, habitava toda a faixa sublitorânea dos atuais estados do Rio Grande do Norte e Ceará. Os Payaku falam unicamente o português, não havendo registros de sua língua original, que talvez se assemelhasse à dos antigos Tarairiú, povos da caatinga que habitavam o Nordeste do Brasil. Hoje, o grupo ficou conhecido como Jenipapo-Kanindé, Jenipapo por causa da fruta e Kanindé devido a romaria religiosa que faziam ao Canindé/CE, sendo descendentes dos Payaku que viviam na mesma região. Possuem títulos individuais dos terrenos onde vivem, mas a terra é compartilhada coletivamente. Em 1997 a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) começou o processo de demarcação da terra indígena Lagoa Encantada.

Eles vivem da pesca, da agricultura (batata-doce, mandioca e feijão), turismo comunitário, que vem crescendo recentemente e produção de artesanato, que se encontra a venda no “Cantinho do Jenipapo”, que foi preparado para receber os visitantes e oferecer as refeições, por um preço acessível. Também é oferecido o passeio pelo morro do Urubu e pela Lagoa da Encantada.

O pajé João e o professor Fábio narraram a história como tudo aconteceu nas sombras da mangueira, lembrando os fatos que não foram esquecidos, compreendendo a importância desse momento para a sua comunidade. Quanto mais nos enraizamos em nossa localidade, mais possibilidades não de nos mundializar, pois não nos tornamos locais a partir do universal, ao contrário, partimos do local em rumo ao universo. “O local onde o sujeito se fixa torna-se um espaço cultural, histórico, geográfico, de semelhanças e apego aos demais sujeitos de tal local” (FREIRE, p. 26, 1989).

Segundo o Pajé João, nos anos de 1999 a 2000, iniciou a primeira escola debaixo das mangueiras, funcionava ao ar livre, com três salas de aula, sendo cada sala demarcada por mangueira, usufruindo da sombra da mesma; os professores trabalhavam voluntariamente por um período de um ano. Os primeiros professores eram todos indígenas. No ano de 2003, a escola passou a funcionar em uma casa. O professor Fábio relatou que debaixo daquelas mangueiras funcionavam “consultórios” médicos e de dentistas, que muitas crianças e adultos saiam atendidos e com seus remédios em mãos. Eles perceberam que o saber escolar, o poder da leitura e a capacidade da reflexão crítica diante dos problemas seriam muito importantes para o conhecimento dos direitos e dos deveres de um cidadão indígena.

A partir daí, iniciou-se o processo de libertação da sua comunidade. A verdadeira libertação começa quando o homem, consciente de si e dos outros, busca a criticização em negação da alienação dos sujeitos. Trata a figura humana, como seres inacabados que são, não como um ser oco, mas um ser que pode ser preenchido a partir de sua compreensão do mundo, pelas suas próprias ideias. Ideias originais. Pensamentos estes que são as primícias para a transformação de um mundo (FREIRE, p.77 1989).

Em 2007 foi construída uma instituição de ensino para o povo da Encantada – Escola Diferenciada de Educação Fundamental e Médio Jenipapo-Kanindé - o espaço arquitetado pela FUNAI em forma de cocar foi inaugurado e, atualmente, abrange corpo docente quase completamente formado por índios Jenipapo-Kanindé. Além da instituição de ensino, é possível encontrar, na aldeia, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS Indígena), Posto de Saúde, Museu e Pousada Indígena Jenipapo-Kanindé, que geram emprego e renda para grande parte dos índios da etnia.

Atualmente a Aldeia conta com o “Museu dos Jenipapo-Kanindé”, organizado no espaço da antiga escola indígena. Neste sentido, os indígenas no museu organizam a memória em primeira pessoa, enquanto espaços de representação que estabelecem olhares para si: dos índios sobre eles próprios, vinculados à sua memória, diversidade e identidade étnica, ao seu processo de organização e luta política; apresentando seus pontos de vista sobre suas culturas.

No período de 2009 a 2010 catalogaram os objetos pertencentes ao museu. O museu é pequeno, é composto na sua maioria de fotos de jornais da história do povo e suas lutas, de alguns rituais e documentos referente a demarcação da terra e da posse definitiva em 2011. Encontra-se também no museu artesanato com cipó, redes de renda e louças de barro feito pelas mulheres da etnia, troféus dos jogos indígenas, animais empalhados da região.

A Cacique Pequena, uma senhora natural da comunidade, que trava batalhas diárias em busca de benefícios que a modernidade pode trazer para sua terra natal, mas preservando a

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

origem e os valores do seu povo. Uma mulher que teve 16 filhos, 58 netos e 29 bisnetos. Ela trabalha no sentido da união e do empoderamento dos saberes e as experiências de vida do território indígena. Ela veio dá as boas-vindas ao grupo e concedeu um pouco da história do lugar. No início ficaram todos apreensivos com a sua presença por estarem diante de uma pessoa humilde, mas, porém, sábia e respeitada por toda comunidade. Maria de Lourdes da Conceição Alves, mais conhecida por Pequena, foi durante muitos anos a Cacique, onde a mesma afirma o seguinte: “Para ser índio não precisa estar vestido de índio daquele jeito que todo mundo conhece, o nosso índio tá no sangue.”

A Cacique Pequena disse que nasceu e se criou ouvindo que suas raízes eram Cabeludos da Lagoa da Encantada, Payaku, que tinha geração de Tapuia e do Povo Jenipapo e Kanindé. E para não ficar diversos nomes quando a FUNAI foi fazer o reconhecimento do seu povo e da terra ela preferiu que deixasse o nome Jenipapo Kanindé. Ela tem setenta e três anos, casada, teve dezesseis filhos, cinquenta e oito netos, vinte e nove bisnetos. Ela foi nomeada Cacique em 06 de março de 1995, sendo a primeira mulher brasileira a comandar e carregar esse cargo. Relata Pequena:

No dia 12 de março de 1995, eu botei o pé no mundo mais uma vez, fui à reunião em Brasília onde me apresentei a outros líderes indígenas do Brasil. Eu me encontrei com 39 caciques e só eu de mulher no meio deles. Eles estranharam, disseram que não era certo uma mulher ser cacique. Mas eu, com minha simples humildade, disse para ele que a mulher não tinha vindo no mundo só para ser cama e pé de fogão, porque eu levei uma piada deles desse jeito (Narrativas de Cacique Pequena da Comunidade de Jenipapo Kanindé, Aquiraz/CE, 25/11/2017).

Cacique Pequena foi reconhecida como líder e é uma referência na luta indígena pelo direito de existir. “Sempre lutei pelos direitos do meu povo, hoje temos escola, água tratada, posto de saúde e não deixamos nossas raízes morrerem. Temos tudo isso porque conseguimos reconhecimento.” Em 2010, nomeada Guardiã da Memória da comunidade e em 2015, reconhecida Mestre da Cultura.

A Cacique Pequena é uma das principais lideranças femininas do movimento dos povos indígena, tendo sido a primeira cacique mulher do Brasil, pela reivindicação dos direitos indígenas, viajou o Brasil, deu conselho aos mais novos, ainda compõe canções para os rituais sagrados, e está sempre muito sorridente a todos que visitam a Aldeia Indígena Jenipapo Kanindé. Devido alguns problemas de saúde no ano de 2007 a Cacique teve receio

de deixar a tribo sem liderança e convocou todos seus filhos para perguntar quem gostaria de assumir o seu papel.

Nenhum dos homens se interessou, apenas duas de suas filhas se voluntariaram e assim ela decidiu fazer um ritual para a passagem do Cocar. Esse ritual contou com a presença do Cacique Daniel de Maracanaú, Cacique João Venâncio, Pajé Luiz Cardoso e o Pajé Barbosa e ela própria a Cacique Pequena, onde ela passou o Cocar e teve um juramento. Mas, atualmente a Cacique é Juliana Alves, filha da Cacique Pequena. Para Cacique Pequena: “os mais jovens são mais engajados que os mais velhos, porque já cresceram sabendo da nossa história, os mais velhos têm uns acomodados, porque já foram muito perseguidos, a gente até entende.”

A Cacique Pequena ensinou ao pessoal do grupo a fazer o Mocororó (Bebida de origem indígena) utilizada nos rituais da tribo. Para seu preparo é necessário que a matéria prima que são os cajus, estejam azedos, em seguidas rasga-los mesmos sujos com areia e depois espreme em três redes, as redes são os panos e vão passando de uma rede para outra para um alguidar¹ ou em uma cuia. Depois junta e coloca numa garrafa para apurar no sol durante três dias, e em cada garrafa coloca uma junta de resina do próprio cajueiro, que serve para deixar a bebida bem alva e limpa. Depois que retira do sol só pode consumir depois que ela estiver bastante fria. A bebida não é alcoólica.

Com o passar dos anos, Cacique Pequena mostrou a etnias de todo o Brasil e a outros segmentos da sociedade que possui o potencial necessário para administrar uma aldeia indígena. Até os 67 anos, a índia só sabia escrever o próprio nome e nunca tinha entrado em uma escola como estudante, embora tivesse conquistado uma nova instituição de ensino para o povo da Encantada – em 2007, o espaço arquitetado pela FUNAI em forma de cocar foi inaugurado e, atualmente, abrange corpo docente quase completamente formado por índios Jenipapo Kanindé. Quando tinha 69 anos, cursou a EJA (Educação para Jovens e Adultos) na Escola Indígena Jenipapo Kanindé, aprendeu a ler e a escrever algumas palavras e pensa em fazer faculdade para ajudar ainda mais o seu povo. “Eu só paro de estudar quando eu morrer”, garante Pequena.

O escritor Paulo Freire diz que “A educação não muda o mundo. A educação transforma as pessoas e pessoas transformam o mundo”. Escrita que tem uma profundidade imensa ao se refletir sobre o vocábulo: educação. Tratemos de uma educação não conteudista

¹ Vaso de barro, madeira, metal ou plástico, cuja boca tem muito maior diâmetro que o fundo e que serve para lavar, amassar, etc. Disponível: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/alguidar>. Acesso: 01 ago. de 2018.

ou bancária. Pensemos em educação como arma de reflexão em prol do amor, da paz e da solidariedade. Além da instituição de ensino, é possível encontrar, na aldeia, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS Indígena), Posto de Saúde, Museu e Pousada Indígena Jenipapo Kanindé, que geram emprego e renda para grande parte dos índios da etnia, conquistas da batalha da Pequena, antes e depois de ter se tornado cacique. Mas ainda há muitos planos dos índios da etnia a serem concretizados, especialmente, no que diz respeito ao processo administrativo das terras indígenas.

O reconhecimento oficial da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) ocorreu entre 1997 e 2002, quando um grupo técnico designado pelo órgão realizou diversos estudos visando o reconhecimento étnico, a identificação e a delimitação da terra indígena. Na Terra Lagoa da Encantada, são conservados costumes através da contação de história, rodas de conversa e a dança do Toré, ritual que reúne seu povo em volta de uma fogueira e a partilha da bebida chamada Mocaroró (Bebida de origem indígena).

O desejo da Cacique Pequena era que antes de sua partida ela conseguisse o registro das terras, indenizar os posseiros de dentro das terras, são os desafios que ela vem lutando em defesa do seu povo para ver tudo homologado e oficializado. A tribo tem recebido ajuda da FUNAI, Ministério Público, Centro de Defesa e Direitos Humanos, com as Igrejas e os alunos que vêm das universidades.

Somente por meio da educação e do empoderamento de sua situação frente ao mundo é que a desesperança que o homem está imerso, começa a ser substituída por esperança. Somente após a “retirada da venda” é possível que os homens, conscientes dos problemas e necessidades, sejam capazes de planejar mudanças no contexto atual, e, com o passar do tempo, insiram-se no tempo e no espaço em que vivem. Quando existe o entendimento dos problemas a serem enfrentados, o direcionamento das ações produz melhores resultados (FREIRE, p.62, 1992).

Conclusões

Em uma perspectiva de pesquisa (Auto)biográfica, percebe-se que é através da linguagem que a sua história pode ser repassada, discutida e (res)significada, neste caso por meio de narrativas, que têm como mote unificar e aproximar o homem no mesmo espaço histórico cultural, trazendo para discussão a necessidade de que as narrativas de uma comunidade indígena, que antes estavam apenas na oralidade dos sujeitos do lugar, passam a ter também um registro escrito e, sobretudo, uma reflexão sobre a importância da luta na

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

preservação da sua raça e da natureza. Isso porque, ao longo dos séculos, o índio foi perdendo o domínio de seu espaço territorial sua língua materna e transpondo-se para a língua dominante. Por isso, ao procurar compreender a si mesmo o homem necessita voltar-se ao outro.

Por meio da memória, os moradores da comunidade indígena, relatam em suas narrativas a luta que travaram em 1999, para não aceitar a instalação de um mega resort que seria construído em toda área, pegando a torre, o batoque e a Lagoa da Encantada e o morro do Urubu, uma duna que tem 98 metros de altura e a metade dela seria destruída para a construção de um hotel cinco estrelas. Então, pajé Preá, Cacique Pequena guardiã e mestre da cultura do povo do lugar e as demais lideranças juntaram forças para que esse resort não fosse construído. E em seguida começaram a estudar a possibilidade de desfrutar do turismo, mas de forma sustentável, sem ser o turismo de massa, o turismo que vinha para explorar as suas índias, as suas terras e destruir toda a área de preservação ambiental.

Passaram cinco anos de luta até começarem a trabalhar com a Universidade Federal do Ceará – UFC, na pessoa do professor Geova Meireles e do professor Catal conhecido como Madan, que foi a pessoa que descobriu os índios Jenipapo-Kanindé na década de 80. Depois dessa breve apresentação, o grupo foi encaminhado ao professor Fábio que seria o guia naquele dia, juntos com mais dois guias mirins. Fábio além de professor da escola diferenciada Indígena é coordenador geral de comunicação e financeiro do Aldeamento.

Os resultados apontam que é possível verificar por meio das narrativas (auto)biográficas que as experiências vivenciadas pelos homens e mulheres indígenas com saberes que transcendem a qualquer tecnicização atual e que aprenderam a viver em harmonia com a natureza, retirando em diálogo com ela, o que necessitam para viver, possibilitando a união e o empoderamento. A terra em que os indígenas vivem, é a prova viva da luta e obstinação da história de batalhas e conquistas de uma raça sofrida. O homem, que é consciente do seu inacabamento, enxerga a importância do outro, portanto, o respeita. Sabe que nenhum conhecimento é mais importante que o outro, que estes se complementam, pois ninguém sabe tudo.

O simples fato de se permitir olhar sensivelmente para o seu semelhante, refletir sobre a situação a que ele está imerso e procurar resgatar reflexivamente este ser, não lhe instruindo verdades, mas levando a pensar de como este poderia modificar sua realidade, se traduz em um ato de amor e de contribuição para a transformação do mundo. O incentivo da ligação ponto a ponto, de forma que o indivíduo, conscientemente ingênuo, possa encontrar suas

próprias respostas, levando a uma consciência crítica, é uma atitude de quem acredita no homem.

Ao ser consciente do seu inacabamento e da sua vocação para o Ser Mais, o homem passa ter fé no seu semelhante, portanto, passa a ter esperança; tendo esperança, o homem renuncia à velha postura de objeto e vai se assumindo como sujeito, ímpar, dono de sua própria história, capaz de transformar o seu mundo. Conscientemente crítico, os sujeitos saem da alienação cultural e transformam suas atitudes reflexas em reflexivas, deste modo, passam a não somente reproduzir atitudes e posicionamentos, e sim, refletir sobre os motivos daqueles comportamentos; descobrindo-se solidário.

Ao compreender que existe um mundo além do eu, a percepção da necessidade do outro, da importância do outro, ou seja, a solidariedade humana é um passo fundamental para a promoção da paz no mundo. As vozes dos sujeitos da aldeia revelam histórias de vidas marcadas pela exclusão, situação de arredios e resistentes à colonização, eles sofreram violências, foram escravizados e perderam progressivamente suas terras, o que nos faz refletir acerca da superação da lógica preconceituosa que os vitima.

Referências

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knop. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

FREIRE, Paulo. **À Sombra desta Mangueira**. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HALBWACKS, Maurice. **A memória Coletiva**. 2. Ed. São Paulo: Ed. Vértices, 1990.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2.ed. ver. e amp. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212. Disponível em: <www.slideshare.net/>. Acesso em 24 de julho de 2018.